

## OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A RELAÇÃO FILIAL E O DISTANCIAMENTO: A IMPOSSIBILIDADE DO LUTO EM *O ESTRANGEIRO*, DE CAMUS.

MARTINS, William José da Silva<sup>1</sup>.

MACHADO, Maristela Gonçalves Sousa<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, Letras Português e Francês e Respectivas Literaturas – [monsieurtrésilian@gmail.com](mailto:monsieurtrésilian@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação – [maristelagsm@gmail.com](mailto:maristelagsm@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

*O Estrangeiro* (2000), de Albert Camus, é considerado um dos maiores romances da literatura contemporânea. Bastante estudado no meio acadêmico e com adaptações no teatro e cinema, a obra faz parte do ciclo do absurdo de Camus, uma trilogia composta pelo romance *O Estrangeiro*, o ensaio *O mito de Sísifo* e a peça de teatro *Calígula*.

O objetivo do presente trabalho é esboçar uma análise da relação de Meursault, personagem principal do romance, com sua mãe, à luz da teoria da psicanálise. De modo geral, buscou-se entender o distanciamento emocional de Meursault no momento da morte de sua mãe e de que forma tal comportamento o acompanha durante toda a narrativa. O distanciamento de Meursault com os outros personagens do romance também foi analisado.

Meursault é um personagem narrador autodiegético que vive na Argélia francesa. Nas primeiras linhas, o leitor já se depara com a incógnita que permeará toda a narrativa, sua relação com a mãe.

Vários estudos críticos pertencentes a diferentes correntes teóricas abordam essa questão, pois não é tarefa fácil analisar uma relação *post mortem* baseando-se exclusivamente na percepção de um personagem cujo olhar é totalmente descompromissado e desprovido de subjetividade.

É necessário compreender que a psicanálise literária propõe uma leitura que analisa o texto por meio de uma investigação minuciosa, ou seja, o texto lido é “escutado” em seus mínimos detalhes, para, então, dar início ao processo de

exegese psicanalítica. É o que se depreende do aporte teórico segundo Eagleton (2006) e Green (2002), que discutem as maneiras pelas quais o texto literário pode ser compreendido à luz da teoria da psicanálise. Valendo-se dessa abordagem, Pingaud (1992) propõe uma leitura de *O Estrangeiro* na qual propõe uma interpretação edipiana da relação de Meursault com seus pais.

## 2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Este trabalho utiliza-se de noções de psicanálise literária. A metodologia aplicada é a bibliográfica, indo à obra estudada a partir dos referidos pressupostos teóricos que corroboram a investigação.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisar *O Estrangeiro* através da teoria da psicanálise, o texto foi esmiuçado em uma leitura que permitisse inferências a partir das teorias estudadas para montar o quebra-cabeça narrativo, na tentativa de compreender essa relação, que já é problematizada desde as primeiras linhas. “Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo” (CAMUS, 2000, p. 3). É preciso ir além do texto escrito e ouvi-lo, como aponta Green:

Que faz o psicanalista diante de um texto? Procede a uma transformação – na verdade não faz isso deliberadamente, é a transformação que se impõe a ele – pela qual não lê o texto mas o escuta. Evidentemente isso não quer dizer que o leiam para ele ou que ele leia em voz alta. Ele escuta segundo as modalidades que são específicas da escuta psicanalítica. (GREEN, 2002, p. 229)

Suas relações com o patrão, Marie, Céleste, Salamano e Raymond são marcadas por uma certa distância, sendo que Meursault por vezes chega a ser inconveniente por sua demasiada sinceridade. Seja por confessar que não ama Marie “Instantes depois, perguntou-me se eu a amava. Respondi-lhe que não queria dizer nada, mas que me parecia que não” (CAMUS, 2000, p. 26) ou por dizer a Raymond que ser seu amigo lhe é indiferente: “Não respondi e ele perguntou-me se eu queria ser amigo dele. - Repliquei que tanto me fazia: ele ficou com um ar contente.” (CAMUS, 2000, p. 26)

Quando vai ao asilo, recusando-se a ver a mãe pela última vez - “Fecharam-no, mas eu vou desparafusá-lo, para que o senhor a possa ver”.

Aproximava-se do caixão, quando eu o detive. Disse-me: ‘Não quer?’ Respondi: ‘Não’” (CAMUS, 2000, p. 5) - nota-se que há uma motivação muito forte que o faz se recusar a vê-la. Ademais, ele tem consciência da inadequação de suas atitudes “Calou-se e eu estava embaraçado porque sentia que não devia ter dito isto” (CAMUS, 2000, p. 5).

Dessa forma, procurar um meio de compreender o comportamento de Meursault naquele momento crítico, parece ser uma tarefa difícil, mas e se o Meursault, daquele momento, representasse tudo aquilo que ele havia vivido anteriormente? O homem é um ser ontológico, se constituindo através de suas vivências. De acordo com Eagleton (2006, p. 245): “Chegamos a ser o que somos por uma inter-relação de corpos – pelas complexas transações que ocorrem durante a infância entre nossos corpos e aqueles que nos cercam”.

Portanto, o distanciamento de Meursault com relação à sua mãe deve ser visto como um comportamento que foi se desenvolvendo ao longo do tempo.

Durante toda a narrativa, a morte materna o acompanha como um fantasma. Seja quando diz aos outros que não tem culpa “Tive vontade de lhe dizer que a culpa não fora minha, mas detive-me porque me pareceu já ter dito isso mesmo ao meu chefe” (CAMUS, 2000, p. 16). Ou até mesmo no momento de sua execução, ao reconhecer que ninguém tinha o direito de chorar pela morte dela “Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar sobre ela” (CAMUS, 2000, p. 85). Meursault é incapaz de assumir o luto, como se ele fosse impermeável.

Segundo Pingaud, “Incapaz de elaborar o seu luto, ele o reprime. Assim se explica o comportamento estranho do narrador cada vez que a imagem da sua mãe surge ou quando é questionado sobre isso” (1992, p. 117; tradução nossa).

#### **4. CONCLUSÕES**

A investigação do distanciamento entre mãe e filho, mostra a complexidade com a qual a figura materna é construída ao longo da narrativa. Ademais, essa construção - post mortem - é feita por um narrador personagem autodiegético, o que a faz pouco clarividente.

A relação permeia toda a narrativa. É por causa do comportamento de Meursault no funeral de sua mãe e da indiferença que ele demonstra em relação a essa perda que, posteriormente, sua condenação por ter matado, um árabe com vários tiros, é agravada.

Tal distanciamento no momento da morte e no decorrer da história, é dado pelo fato de Meursault não conseguir vivenciar o luto. A partir dessa constatação, pretendemos dar prosseguimento ao trabalho e nos aprofundar no estudo da psicanálise literária a fim de estabelecer as possíveis causas desse bloqueio.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Paris: Éditions Gallimard, 2000.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Cap. V, p. 227 – 291.

GREEN, André. **Literatura e Psicanálise: a desligação**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura e suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Capítulo 6. pág. 221-251.

PINGAUD, Bernard. **Bernard Pingaud présente *L'Étranger* d'Albert Camus**. Paris: Gallimard. 1992.